

PANDEMIA, HISTERIA: O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DA DESIGNAÇÃO NOS DIZERES DE UM PRESIDENTE

Rômulo Silveira Borges Balz¹

Luciana Iost Vinhas²

Resumo: O presente trabalho, baseado na Análise Materialista de Discurso, desenvolve uma reflexão sobre o funcionamento discursivo da designação *histeria* em dizeres do presidente Jair Bolsonaro proferidos durante o período inicial da pandemia no Brasil, em março de 2020. São selecionados três episódios nos quais o sujeito-enunciador, ao falar sobre a situação da pandemia no país, emprega a referida designação. Com isso, apresentamos uma reflexão teórica sobre o funcionamento da designação pela perspectiva discursiva e, também, analisamos sequências discursivas extraídas dos pronunciamentos do presidente. Com a análise, chegamos à configuração de uma formação discursiva de extrema direita, pela qual ocorre a formulação dos enunciados proferidos pelo presidente, os quais colocam em circulação saberes de exclusão de uma parcela da população aliados à violência de gênero.

Palavras-chave: Designação. Histeria. Análise Materialista de Discurso. Formação discursiva de extrema direita.

Pandemic, hysteria: the discursive functioning of the designation in the words of a president

Abstract: The present study, based on the Materialist Discourse Analysis, develops a reflection on the discursive functioning of the designation *hysteria* in President Jair Bolsonaro's sayings during the initial period of the pandemic in Brazil, in March 2020. Three episodes are selected in which the enunciator, when talking about the situation of the pandemic in the country, uses the aforementioned designation. With that, we present a theoretical reflection on the functioning of the designation by the discursive perspective and, also, we analyze discursive sequences extracted from the President's pronouncements. With the analysis, we arrive at the configuration of a discursive formation of the extreme right, through which the formulation of statements made by the President occurs, which put into circulation knowledge of exclusion of a portion of the population allied to gender violence.

Keywords: Designation. Hysteria. Materialist Discourse Analysis. Discursive formation of the extreme right.

1 Mestre em Letras (UFPEL). E-mail: romulobalz20@gmail.com

2 Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). Docente no Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas (DECLAVE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: ucianavinhas@gmail.com

Introdução

No final do ano de 2019, casos de pneumonia surgidos na cidade chinesa de Wuhan geraram a preocupação da Organização Mundial da Saúde (OMS). Pouco tempo depois, com a ampla propagação desses casos e com novas informações obtidas sobre a infecção, em 11 março de 2020, a OMS declara os acontecimentos sanitários mundiais como característicos de uma situação de pandemia de um novo vírus denominado SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19. Tal constatação, amparada em embasamento técnico-científico, trouxe consequências não somente para a organização das instituições de saúde e cuidado, como, também, para o funcionamento da totalidade dos Estados nacionais – na economia, na política, no jurídico... e no ideológico.

O Brasil de então estava sendo governado por Jair Messias Bolsonaro no segundo ano de seu mandato presidencial. Desde o início da declaração de situação pandêmica pela OMS, o chefe do Executivo manifestou posicionamentos resistentes à tomada de medidas que pudessem controlar a propagação do vírus. Com foco nessa situação, este trabalho toma como objeto manifestações do presidente ocorridas no momento inicial da pandemia, no Brasil, justamente quando começam a acontecer os primeiros casos da doença, ocorridos pelo contágio da infecção por brasileiros em países europeus. Vamos atentar, de forma mais específica, para três falas de Bolsonaro em três momentos distintos, todos ocorridos no mês de março de 2020, quando o sujeito-enunciador emprega a designação *histeria* para tratar da situação da pandemia de COVID-19, no país.

Desse modo, nosso objetivo é o de analisar o funcionamento discursivo da designação *histeria* nos dizeres de Jair Messias Bolsonaro durante o mês de março de 2020, em três ocasiões diferentes. Para isso, foi realizada a transcrição de suas manifestações orais, as quais foram organizadas em sequências discursivas. Foram

selecionadas sequências em que há a ocorrência da palavra *histeria/histerismo/neurose*; tais ocorrências estão sendo interpretadas, no presente estudo, como referentes ao funcionamento da designação, que, pela perspectiva teórica da Análise Materialista de Discurso (AD), é relacionada à forma como a ideologia determina os processos de significação.

Para atingir nosso objetivo, apresentamos o texto dividido em duas seções, acrescentadas da presente introdução e das considerações finais. A seção seguinte realiza um debate teórico sobre a designação conforme o aparelho descritivo-interpretativo da AD, sendo trazidas considerações de autoras e autores que trabalham com a temática. Depois disso, nosso trabalho foca na análise da designação *histeria* nos dizeres de Jair Bolsonaro em episódios ocorridos em março de 2020, a saber: (i) Entrevista à CNN, no dia 15/03/2020³ (Episódio 1 – E1); (ii) Entrevista à Rádio Bandeirantes, no dia 16/03/2020⁴ (Episódio 2 – E2); e (iii) Pronunciamento oficial à cadeia de rádio e televisão, no dia 24/03/2020⁵ (Episódio 3 – E3). Começamos, então, pela teorização sobre o funcionamento da designação pela perspectiva discursiva.

1. A designação pela perspectiva discursiva

Para começarmos a discussão sobre a designação pela perspectiva discursiva, é importante fazer referência ao conceito de sujeito no qual a teoria se embasa. Na AD, o sujeito é dividido, interpelado pela ideologia e determinado pelo inconsciente, sendo considerado um efeito das coordenadas jurídico-político-ideológicas

3 Em entrevista para a CNN, Bolsonaro fala em histeria. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/15/interna_politica,834482/em-entrevista-bolsonaro-critica-histeria-pelo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 29/03/2021.

4 Bolsonaro, em entrevista à rádio Bandeirantes, fala em economia e histeria. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M0za8MSO64>>. Acesso em: 29/03/2021.

5 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-VI_DYb-XaAE>. Acesso em 27/04/2022.

que sobredeterminam uma formação social. A fim de estabelecermos a relação entre subjetividade e língua, vamos lançar mão dos dois esquecimentos elaborados na teoria materialista dos sentidos. Dessa forma, para que comecemos a estabelecer relações com a designação, interessa discutirmos sobre a noção de esquecimento n° 2 de que fala Pêcheux ([1975] 2014, p. 161, grifos do autor):

[...] concordamos em chamar de esquecimento n° 2 ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.*

Com relação ao esquecimento n° 2, a partir desta primeira relação, podemos compreender que as palavras que o sujeito-falante “seleciona” quando formula seus enunciados não são selecionadas de forma aleatória, desvinculadas das formações discursivas que regulam as identificações dos sujeitos; empregar uma determinada palavra com funcionamento designatório, como estamos trabalhando aqui, coloca em jogo a disputa política pelos sentidos que são colocados em circulação, pois a palavra pode fazer referência a uma ou outra região do interdiscurso, conforme a determinação ideológica daquele que a formula em relação com as condições de produção sócio-histórico-ideológicas do discurso.

Em seguida dessa afirmação, o teórico expõe o que pode ser entendido como esquecimento n° 1:

Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para um outro “esquecimento”, o “*esquecimento n° 1* remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que- como vimos- esse exterior determina a forma-

ção discursiva em questão (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 162, grifos do autor).

Mesmo que possa existir o efeito de que o sujeito controla aquilo que diz, via funcionamento enunciativo-discursivo do esquecimento n° 2, o esquecimento n° 1 nos lembra da impossibilidade desse controle, já que o sujeito é alheio aos mecanismos que o tornam vinculados a uma determinada posição política, ideológica e de classe. O sujeito, determinado duplamente pelo inconsciente e pela ideologia, é afetado pelo funcionamento da língua, cuja especificidade no âmbito da AD nos coloca a exterioridade como base do seu funcionamento. Na perspectiva discursiva, a língua é relacionada com o que lhe é exterior, diga-se: o sujeito, a história e as condições de produção (ORLANDI, 2001).

Com base nesses elementos fundamentais da teoria, vamos realizar uma breve incursão pelo conceito da designação a partir de diferentes autores. Começaremos com as pesquisas de Guimarães (2003), tidas como referência sobre o assunto. Apesar de seus estudos não estarem baseados na AD, o autor faz uma distinção entre referência, nomeação e designação, o que nos ajudará a refletir sobre o tema a partir de uma perspectiva materialista do discurso. O pesquisador expõe que a referência é entendida como um procedimento linguístico, o qual visa a particularizar algo na e pela enunciação. Para melhor explicar o que propõe, utiliza o seguinte exemplo: “o jogador está sentado na segunda mesa à esquerda”. Nesse enunciado, de acordo com Guimarães (2003), o sintagma nominal “o jogador” está particularizando uma pessoa, isto é, indicando-a. Diferente é a nomeação, definida como o funcionamento semântico que cumpre a função de atribuir um nome a algo.

A designação, para esse teórico, não se confunde com as outras duas noções, pois está relacionada com a história e com o real, conforme a passagem a seguir:

A designação é o que considero a significação de um nome enquanto sua relação com outros nomes e com o mundo recortado historicamente pelo nome. A designação não é algo abstrato, mas linguístico e histórico. Ou seja, é uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real (GUIMARÃES, 2003, p. 54).

O excerto acima se aproxima mais da teoria discursiva, uma vez que coloca em relação a linguagem com o que lhe é exterior, conforme a visão materialista. Entretanto, analisar o funcionamento de uma designação em um discurso exige um olhar mais atento, pautado em um dispositivo analítico. O que nos interessa na citação supracitada é o fato de que um nome parece, para esse autor, manter relação com a história, no sentido de que esse nome significa em relação a outros discursos proferidos, bem como nos remete a outros possíveis.

Guadanini (2010) concebe o “fenômeno da designação” enquanto uma estratégia discursiva, que, conforme a autora, é resultante de um processo dependente dos sujeitos e das circunstâncias de produção, os quais envolvem a “encenação do ato de linguagem”. Em um primeiro momento, podemos notar alguns pontos semelhantes com a AD materialista, representados pelos termos processos, sujeito e circunstâncias de produção. Todavia, é imprescindível expor que o conceito de designação no qual a pesquisadora está baseada diz respeito aos estudos de George Kleiber e Patrick Charaudeau. O primeiro autor parte de uma perspectiva calçada na Semântica Referencial; o último encontra apoio na Análise de Discurso Semi linguística, que difere da AD materialista pelo modo como trata o discurso, o sujeito e a ideologia. Embora essas duas teorias (Semântica Referencial e Análise de Discurso Semi linguística) se preocupem com a questão do sentido, o abordam de formas bem distintas, e, em função disso, não daremos continuidade a essa configuração.

Passemos, então, aos estudos de Mariani (1996) sobre o tema, os quais trazem importan-

tes contribuições para a compreensão do funcionamento da designação na AD. Com o objetivo de desenvolver essa questão, a teórica retoma a análise do seu *corpus* discursivo, onde observa que as denominações utilizadas para designar os adeptos ao comunismo parecem retomar e sustentar efeitos de negatividade, sendo esses construídos historicamente. Para sustentar essa posição, Mariani (1996) defende, com base em exemplos, que o fato de que algumas expressões possuem uma mesma referência não garante que elas possam ser intercambiáveis em todos os contextos. Assim, ela cita alguns exemplos que compuseram o seu *corpus* de análise: (i) “os vermelhos buscam solapar a disciplina”; e (ii) “Eles admitem até um intelectual rebelde, comunista, mas não admitem um operário no poder”. Tomando como base essas sentenças, a pesquisadora explica que não seria possível substituir “comunista” por “inimigo da Pátria”; por outro lado, tal substituição seria possível na primeira formulação (i).

Entendemos que as considerações realizadas deslocam o nosso olhar para uma nova maneira de compreendermos as designações, relacionando-as com as condições de produção do discurso. Assim, nos alinhamos a Mariani (1996, p. 138) quando refere que:

Entendemos, nesta perspectiva, que o denominar não é apenas um aspecto do caráter de designação das línguas. Denominar é significar, ou melhor, representa uma vertente do processo social geral de produção de sentidos. O processo de denominação não está na ordem da língua ou das coisas, mas organiza-se na ordem do discursivo, o qual, lembrando mais uma vez, consiste na relação entre o linguístico e o histórico-social, ou entre linguagem e exterioridade.

Na mesma linha teórica, Indursky (2002), em um de seus textos sobre o discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), analisa as designações ocupação e invasão. A primeira designação seria utilizada pelos sujeitos que se identificam com o discurso

dos sem-terra, enquanto a segunda pelos que se identificam com a posição-sujeito dos proprietários rurais. Tal confronto aponta para formações discursivas divergentes que remetem o analista para uma determinada cena discursiva. No estudo realizado, Indursky (2002) não constatou uma presença de uma cena discursiva de interlocução⁶, tendo em vista que aqueles que se identificam com a posição dos proprietários rurais não reconhecem os sem-terra como seus interlocutores. A análise tomou como corpus o discurso que circulou na imprensa entre os anos de 1995 e 1996. Outro ponto importante nesse trabalho é que as designações parecem funcionar tanto para representar processos discursivos antagônicos como para designar os sujeitos imbricados nesse processo. A esse respeito, temos a seguinte passagem que corresponde à explicação sobre a formação discursiva dos proprietários rurais:

Nessa formação discursiva, ignorar que a terra possui um proprietário e nela acampar mobiliza o discurso jurídico que garante o direito de propriedade (art. 5º da Constituição, item XXII) e, com base nele, os latifundiários chamam os sem-terra de “invasores” e aos seus líderes de “formadores de quadrilha”. Assim procedendo, ao mesmo tempo que desqualificam os sem-terra, enquanto seus interlocutores, os transformam em sujeitos fora da lei (INDURSKY, 2002, p. 124).

As designações formadores de quadrilha, invasores e sujeitos fora da lei não apenas se referem àqueles que se identificam com a posição sujeito sem-terra, mas também os significam. Tendo isso em mente, passaremos para a discussão de um outro estudo realizado por essa autora.

Indursky (2013), ao empreender outra análise acerca do discurso do MST, toma como corpus uma entrevista com Diolinda Alves de Souza, líder desse movimento. O objetivo dessa

pesquisadora consistia em analisar o processo de subjetivação/identificação de Diolinda. Nesse sentido, a autora constata que, em um determinado momento da entrevista, em vez de fazer uso da designação ocupação, própria da formação discursiva na qual se inscreve, utiliza invasão para falar das práticas do MST. Indursky (2003) explica essa substituição com base em processo metafórico específico. A teórica chega à conclusão de que a designação invasão, ao passar de uma formação discursiva para outra, é resignificada, sendo equivalente a ocupação.

Diante do exposto, é possível dizer que os trabalhos de Indursky (2002; 2013) estão em consonância com aquele produzido por Mariani (1996), ou seja, ambas as autoras colocam as condições de produção como fundamental para o entendimento do funcionamento da designação. Dessa forma, uma determinada formação discursiva, frente a um acontecimento histórico, designará tal processo de uma determinada maneira, reproduzindo certos efeitos de sentidos. Assim, o sujeito, na ilusão de que seu enunciado produza um determinado sentido, enunciará de um modo e não de outro, assim como esquecerá que a língua é equívoca, resultando, conforme Orlandi (2001), em diferentes possibilidades de sentido.

Ainda no âmbito da AD, destacamos o trabalho de Zoppi-Fontana (2003), a qual considerou as relações parafrásticas que as designações mantêm entre si, bem como a contradição de tais designações no arquivo. Importa dizer que o estudo teve como foco o espaço urbano, mais especificamente o processo de designação dos camelôs. Constatou-se três tipos de processos de designação, organizados a partir das seguintes operações semânticas: a indefinição da referência, efeito da ausência e presença de determinantes indefinidos. Ainda nesse primeiro processo, a pesquisadora observou a utilização de analogias, que colocavam os camelôs em uma relação de desvantagem face às outras categorias. O segundo processo analisado evidenciou um outro mecanismo: a utilização de metoní-

6 Para a autora, a cena discursiva de interlocução é um lugar de conflito/confronto entre formações discursivas.

mias, o qual visou a designar os sujeitos a partir dos lugares/espços ocupados, sendo que estes últimos eram definidos a partir de metáforas bélicas, como: praça de guerra, ponto de banditismo, entre outras. No terceiro e último processo, observou-se a definição dos camelôs enquanto objetos, o que se demonstrou comum nos discursos presentes nas leis, decretos e resoluções de Campinas.

Com base na discussão do trabalho de Zoppi-Fontana (2003), é possível observar que, de fato, o processo de designação mostra-se complexo. No entanto, conforme assinalado, no estudo da autora, esse processo ficou centrado na questão da referência. Assim, para avançarmos, é necessário considerarmos as condições sócio-históricas desse processo. Nesse sentido, acrescentaremos as contribuições de Souza (2020), que analisa o par de designações golpe/impeachment, representativas de um processo político, jurídico e social, que tinha como objetivo a destituição da então Presidenta, eleita democraticamente, Dilma Rousseff.

A pesquisadora constatou a presença de duas formações discursivas antagônicas: a formação discursiva anti-Dilma e a formação discursiva pró-Dilma. As duas formações discursivas designavam o mesmo acontecimento de formas distintas. A primeira utilizava a designação impeachment; enquanto a segunda designava a destituição da presidenta como golpe. Assim, segundo a autora, esses termos, embora evidenciem uma relação específica entre a ideologia e aqueles que o empregam, atendem ao mesmo propósito: a legitimação dos saberes das formações discursivas em que se inscrevem, bem como de suas posições em relação a esse processo. Além disso, cada formação discursiva mobilizou uma memória discursiva. A FD anti-Dilma trouxe, do nível interdiscursivo, a memória referente ao processo que ficou conhecido como “impeachment de Fernando Collor”, a fim de atribuir um efeito de legitimação de sua prática discursiva. Por outro lado, a formação discursiva pró-Dilma fez surgir a memória da ditadura

militar, mais especificamente do golpe militar, para demonstrar que tirar uma Presidenta democraticamente eleita do poder é um processo ilegal. A noção de memória discursiva mostra-se, assim, de extrema importância, uma vez que mantém uma relação com a história. Essas palavras representam, segundo a autora, “como em um processo metonímico, todo o movimento de saberes engajados em sustentar e legitimar o discurso das FDs em que se inserem” (SOUZA, 2020, p. 261).

Por fim, para encerrarmos a discussão da presente seção, gostaríamos de expor como trabalharemos com a designação neste trabalho, considerando que analisaremos o funcionamento discursivo da designação *histeria* nos dizeres de Bolsonaro durante o mês de março de 2020. Assim, a designação deve ser vista como um processo, que leva em conta as condições sócio-históricas de produção de um termo, o sujeito e a ideologia. Além disso, ao se inscrever em uma formação discursiva e não em outra, mobilizará uma determinada memória discursiva, reproduzindo certos efeitos de sentido. Nesse processo, os sentidos relacionados a um termo, ao serem retomados, podem ser tanto estabilizados quanto deslocados. Através do estudo da designação conseguimos compreender o funcionamento do político na língua, e, no objeto aqui analisado, esse funcionamento é determinante na forma como o combate à pandemia se organiza na sociabilidade brasileira.

2. O funcionamento discursivo da designação *histeria* nos dizeres de Bolsonaro

Antes de passarmos à análise das sequências discursivas selecionadas, vale referir que a forma como chegamos ao objeto de estudo, a saber, a designação *histeria*, nos dizeres de Bolsonaro, tem relação com a noção de excesso proposta por Ernst (2009), tanto pelo seu caráter operacional quanto pelos efeitos de sentido produzidos quando da sua formulação. Desse

modo, no corpus, pudemos observar um excesso da designação histeria, a qual reproduz certos sentidos, representados como forma de evidência. A opacidade do sentido está relacionada a essa evidência, a qual provém do funcionamento da interpelação ideológica. Na verdade, o que estamos dizendo, é que os sentidos se apresentam como únicos e que, para desfazer essa “ilusão”, a AD dispõe de um dispositivo teórico-analítico, que será mais bem compreendido na medida em que avançarmos na análise. O excesso funciona no discurso para sustentar essas evidências, o que, conseqüentemente, produz o efeito de afastamento de outros sentidos possíveis.

A primeira seqüência discursiva selecionada não apresenta o emprego da designação histeria, mas configura-se como uma seqüência importante para compreender os efeitos de sentido que são estabelecidos quando da formulação dessa designação. O sujeito-enunciador produz um enunciado no qual se observa a presença de uma palavra possível de ser relacionada, via efeito metafórico, à histeria, conforme será visto a seguir.

SD1-E1⁷: Devemos respeitar tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar em uma **neurose** como se fosse o fim do mundo.

O enunciado acima foi proferido em seguida de o sujeito alegar que: “independente dos cuidados que tomem, muitos pegarão o vírus” (SD1-E1).

De acordo com o gesto analítico que estamos empreendendo, a seqüência discursiva SD1-E1 demonstra o assujeitamento do sujeito a uma certa posição no discurso, de modo que devemos respeitar materializa esse processo de

assujeitamento. Essa afirmação pode ser confirmada pela oração coordenada sindética adversativa mas não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo, que pode ser entendida como uma negação do discurso médico-científico que, preocupado com a saúde dos brasileiros, defendeu comportamentos de cunho mais restritivos como o distanciamento, o isolamento físico e o uso de máscaras, por exemplo. Nesse sentido, neurose está em relação de paráfrase com histeria e se refere a esses comportamentos. No mesmo enunciado, observamos uma contradição: devemos respeitar as medidas, mas, ao mesmo tempo, não devemos respeitá-las, posto que o objetivo é satisfazer ao discurso médico-científico, por um lado, mas, também, o discurso econômico, por outro. Parece que a neurose/histeria estaria relacionada ao não atendimento das determinações econômicas em função da urgência sanitária, e aqui já podemos detectar uma primeira marca da formação discursiva com a qual o sujeito se identifica: economia parece ser mais importante do que saúde.

Ao mencionar que devemos tomar as medidas sanitárias cabíveis é possível observar a falta de determinados elementos: quem deve respeitar as medidas? Quais são as medidas sanitárias cabíveis? Esse ponto é importante, pois a afirmação entra, aparentemente, em contradição com o que vinha sendo defendido pelo sujeito. Em seguida, como já foi observado, temos a oração mas não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo, a qual, aliada com o que é dito anteriormente, nos permite realizar, pelo menos, três formulações sobre as medidas preventivas: (i) as medidas preventivas/sanitárias são essenciais para a prevenção ao vírus; (ii) existe o risco de se entrar em uma neurose devido às medidas preventivas; (iii) nem todas as medidas preventivas são cabíveis. Nesse sentido, algumas medidas para o sujeito são cabíveis; outras não. Contudo, nosso objetivo não é explicitar quais medidas são ou não aceitas com base em uma posição-sujeito, mas refletir

7 Para fins de identificação das seqüências discursivas do presente estudo, empregamos o seguinte formato de classificação: SD1-E1 indica que se trata da primeira seqüência discursiva selecionada para esta análise (SD1), ao passo que E1 faz referência ao primeiro episódio no qual Bolsonaro empregou a designação histeria. O segundo episódio será referido como E2 e, por fim, o terceiro episódio será classificado como E3.

acerca dos efeitos de sentido reproduzidos ao fazer uso de uma designação, assim como qual é o pressuposto que fundamenta a “aceitabilidade” de uma determinada medida preventiva enquanto outras devem ser esquecidas, silenciadas. Dito isso, passaremos às considerações acerca da SD2-E1:

SD2-E1: Com toda a certeza há um interesse econômico envolvido nisso tudo para que se chegue a essa histeria. No passado, 2009/2010, tivemos uma crise semelhante, foi outra, outro problema aqui no mundo, mas aqui é o Brasil e era o PT que tava no governo e os Estados Unidos eram os democratas e a reação não foi essa que está havendo, não foi nem sequer perto dessa que está acontecendo hoje em dia, aqui no mundo todo.

Na sequência discursiva supracitada, observamos uma menção ao domínio econômico, o que, para o sujeito, seria um dos motivos para a inserção das medidas preventivas que, dessa vez, são designadas enquanto histeria. Assim, histeria está em relação parafrástica com neurose, evidenciada na SD1-E1. A partir disso, já começamos a compreender que essas designações, utilizadas para fazer referência às medidas preventivas, funcionam amparadas pela formação ideológica política, tendo em vista que evidencia a relação do campo político com a saúde. De acordo com o discurso reproduzido pelo Presidente da República, as medidas preventivas, consideradas um dos meios mais eficazes e econômicos para o combate à pandemia, assim como de fácil acesso a todas as classes econômicas, uma vez que não envolve custos com medicamentos, são tratadas como histeria – uma loucura e, como loucura, conforme posição a partir da qual enuncia, deve ser internada, isolada, colocada à margem (do mercado, que ocuparia a posição central nas preocupações do presidente).

Consoante a Pêcheux ([1975] 2014), entendemos que as formações ideológicas são um complexo que permite o funcionamento da Ideologia em geral, interpelando os indivíduos em

sujeitos, sendo a forma-sujeito atual capitalista. Com isso, o uso dessas designações atende aos propósitos dessa formação ideológica, inscrita no interior do Aparelho Ideológico Político e que se materializa através das formações discursivas colocadas em jogo. No entanto, tais formações discursivas não se dão a priori, mas conseguimos realizar sua configuração no decorrer das análises, conforme previsto pelos pressupostos materialistas que embasam a AD.

Nas sequências discursivas a seguir, será possível observarmos um excesso de termos como economia, bem como a reiteração da designação histeria. No entanto, devemos ressaltar que é interessante observar as diferentes formas como essa designação emerge no corpus. Na sequência abaixo temos o emprego de histerismo:

SD3-E1-Quando você proíbe jogo de futebol entre outras coisas, você tá partindo para o histerismo no meu entender e eu não quero.

Importa analisar a utilização do gerúndio, bem como do sufixo -ismo na designação histerismo. Desse modo, será necessário evocarmos algumas considerações a respeito desse sufixo, de forma que possamos compreender os efeitos de sentido produzidos. No entanto, além do nível morfológico, consideraremos o nível sintático, a fim de chegarmos a esses efeitos. Para isso, entendemos como relevante a discussão sobre o trabalho de Araújo (2012), que parte do ponto de vista da semântica e da gramática tradicional para compreender a formação de sentidos das palavras, quando acrescidas desse sufixo.

A autora, ao pesquisar a respeito do processo de constituição histórica e semântica do sufixo -ismo e -(i)dade em termos como homossexualismo e homossexualidade, nos oferece uma ótima reflexão para pensarmos sobre o funcionamento discursivo da designação histerismo, no nosso corpus, com base na perspectiva materialista do discurso. Ao discorrer sobre o processo de formação das palavras, a pesquisadora defende que:

No processo de constituição ou reformulação das palavras, há que se avaliar a proeminência do sujeito diante dos aspectos sociais e ideológicos que podem implicar na reconfiguração dos termos, já que os valores semânticos conferidos às palavras e aos seus elementos constituintes estão diretamente ligados às ideologias dos grupos sociais que se apropriam e conferem a elas significação (ARAÚJO, 2012, p. 9).

Neste ponto, a autora se aproxima do que é pressuposto pela AD, pois confere ao sujeito e à ideologia um papel fundamental na significação dos “termos”. Assim, torna-se importante mencionar uma citação de Orlandi (2001, p. 47), a qual é basilar na AD materialista: “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. Nesse sentido, defendemos que esses termos (homossexualismo e homossexualidade) significam diferentemente, tendo em vista a relação deles com as condições de produção do discurso.

Ainda de acordo com Araújo (2012), o sufixo -ismo tem a sua origem no grego, tendo sido, mais tarde, incorporado ao latim vulgar. No português brasileiro, é utilizado como um caracterizador de doutrinas, podendo tais doutrinas ser religiosas (Cristianismo, Hinduísmo), filosóficas (Darwinismo, Marxismo), mas também pode ser encontrado em palavras que se referem ao modo de falar de certas pessoas (neologismo, latinismo). Entretanto, há termos como racismo e homossexualismo que designam um discurso baseado na suposta “inferioridade de raças” e na crença da prática homossexual como um “estado patológico”, respectivamente.

Por essa perspectiva, as designações homossexualismo e homossexualidade colocam em jogo saberes oriundos de diferentes regiões do interdiscurso: a primeira diz respeito a uma patologização da orientação sexual homossexual, ao passo que a segunda não faz relação com uma patologização. Essas designações podem corresponder, pela perspectiva da AD, ao funcionamento de distintas formações discursivas e, dessa forma, ambas as palavras possuem

um funcionamento designativo, referido a diferentes posições. É importante ressaltar a importância da ciência como uma das principais responsáveis pela propagação da designação homossexualidade.

De modo análogo, citamos Pinto (1832 apud ARAÚJO, 2012), para refletirmos acerca da designação histerismo. De acordo com esse autor, “Hysterismo” pode ser definido como doença particular das mulheres, que tem a sua causa na disposição da matriz. Entretanto, ao pesquisarmos em dicionários atuais, como, por exemplo, o dicionário online “priberam”, encontramos a seguinte definição para o termo: “estado de quem padece da histeria” e; estado de grande agitação, perturbação ou excitação”⁸. Percebe-se que, quando comparada com o século XIX, a definição de histerismo parece não relacionar esse estado patológico, especificamente, à mulher, mas ao ser humano. Retomando Araújo (2012), tal modificação, que acompanha os saberes considerados hegemônicos sobre o termo dicionarizado, parece acompanhar o avanço da ciência em relação a essa patologia, bem como o discurso científico atual. No entanto, essa mesma autora levanta o seguinte questionamento: se essa mudança é constatada, no meio científico, por que não houve a criação do termo histeridade para se referir a tal patologia? Nota-se que a língua, conforme apontam diversos autores da AD, embora sirva com base comum para os processos discursivos, de acordo com Pêcheux ([1975] 2014), carrega traços ideológicos, os quais podem ser atribuídos a outros processos discursivos.

Uma vez realizada a discussão sobre o sufixo -ismo, sobretudo acerca da historicidade da designação histerismo, passaremos para a discussão da estrutura sintática da SD3-E1: “quando você proíbe jogo de futebol entre outras coisas, você tá partindo para o histerismo no meu entender e eu não quero”. Antes disso, vale reconhecer que o aspecto histórico da designação,

⁸ Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/histerismo>>. Acesso em: 01/05/2022.

referida, no passado, a uma patologia que acometia as mulheres, é importante para a forma como é empregada no discurso de Bolsonaro.

O emprego do verbo partir no gerúndio indica a continuidade de uma ação, algo que está acontecendo. Ao ser associado à designação histerismo, o sujeito produz o efeito de sentido de que algo está exercendo uma “força contrária” para desestabilizar o equilíbrio existente. Nesse sentido, existiria um estado não patológico que estaria sendo transformado em um estado patológico por algo ou alguém. Compreendemos que, o sujeito reconhece a existência de uma outra posição, sendo que isso é materializado pela expressão linguística no meu entender. Além disso, ao fazer uso da designação histerismo para criticar quem se identifica com a posição médico-científica, o sujeito incorpora no discurso saberes que reproduzem a opressão contra as mulheres, os quais se relacionam intimamente com a formação discursiva de extrema direita⁹, pois, caso contrário, não haveria a utilização da forma histerismo no lugar de histeria. Com isso, nota-se um deslizamento de sentido quando comparamos a SD3-E1 com a SD2-E1, pois a designação histeria, antes, fazia referência às reações da ciência e da população frente ao avanço do vírus, que podem ser representadas pela adesão das medidas de prevenção. Na SD3-E1, histerismo, através do emprego do sufixo, parece indicar um estado patológico ao qual pode se chegar, caso nada seja feito. Em razão de as designações estarem funcionando parafrásticamente, a presença do termo histeria ou histerismo no nível intradiscursivo está ligada a uma atualização da memória do discurso de opressão das mulheres como algo natural em nossa formação social, que relaciona a histeria a uma patologia estritamente feminina; caso contrário, poderiam ter sido empregados outros termos

9 Embora a configuração da formação discursiva com a qual o sujeito-enunciador se identifica esteja sendo feita ao longo da realização do gesto de descrição e interpretação do corpus, adiantamos, aqui, a forma como faremos referência a essa formação discursiva de identificação, a qual será apresentada posteriormente.

para fazer referência à situação ocasionada pela pandemia, como, por exemplo, caos, pânico, medo, crise, loucura. Se o sujeito-enunciador diz que não pode haver histeria, há, aí, efeitos de sentido relacionados à loucura em virtude do gênero em atualização.

Na próxima sequência discursiva, ainda referente ao primeiro episódio (entrevista à CNN), é possível observar uma preocupação do sujeito com o aspecto econômico em detrimento da saúde, bem como a retomada da designação histeria:

SD4-E1: Devemos tomar providência porque pode sim, transformar em uma questão bastante grave a questão do vírus no Brasil, mas sem histeria, a economia tem que funcionar, porque não podemos, não podemos ter uma onda de desemprego no Brasil.

Com base na sequência acima, o sujeito-enunciador chega a mencionar a necessidade de se tomar providência, mas não diz quem deve tomá-la nem como. Assim, podemos observar uma falta na estrutura sintática, representada por uma elipse. Entendemos que essa falta funciona no afastamento da responsabilidade do governo no que diz respeito às ações que deveriam ser tomadas em relação à pandemia. Dessa maneira, seria diferente se o sujeito tivesse formulado o seguinte enunciado: o governo deve tomar providência ou os estados e municípios devem tomar providência. Entendemos, assim, que ele recruta o seu interlocutor para tomar providência, mas não qualquer providência, o que faz com que os efeitos de sentidos evidenciados na SD1-E1 e na SD2-E1 sejam retomados. Se nem todos no governo se identificam com a mesma formação discursiva de interpelação do presidente, sobretudo os representantes do Ministério da Saúde, é possível dizer que há uma contradição ideológica entre setores de um mesmo governo. O Ministério da Saúde, através do ministro daquele momento, Luiz Henrique Mandetta, manifestou a defesa do isolamento físico para combater a propagação do vírus¹⁰.

10 No dia 30 de março, Luiz Henrique Mandetta, então

No entanto, essas inconsistências na base do governo culminaram na exoneração do ministro, o que configuraria uma tentativa de silenciar o discurso-outro e, também, a vitória do discurso anticientífico.

É importante atentarmos para a expressão mas sem histeria, pois ela impõe uma condição, isto é, algo que não poderia acontecer. Se recordarmos a SD1-E1 (“Devemos respeitar, tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo”), o funcionamento discursivo dessas duas sequências pode ser considerado semelhante, mas, se lembrarmos de que tanto neurose como histeria designam algumas das medidas preventivas, veremos que os efeitos da SD1-E1 são reproduzidos na SD4-E1.

Além disso, a aparente preocupação com o lado econômico, além de evidenciar a determinação da superestrutura pela infraestrutura, dá base a toda formação social, funciona para responsabilizar aqueles contrários ao governo por essa crise econômica, bem como pode ser uma das possíveis respostas para a questão colocada previamente no início da nossa reflexão acerca da designação histeria: qual é o pressuposto que legitimaria a aceitabilidade de uma medida preventiva contra o novo coronavírus, enquanto outras deveriam ser esquecidas? Entendemos, assim, que a economia seria um impedimento para medidas mais restritivas, como propunha o Ministério da Saúde, o que pode ser confirmado pelo enunciado abaixo:

SD5-E2: Tudo continua funcionando no Brasil. Tudo. Tá havendo uma histeria. Se você acaba com (), quando você proíbe em jogos de futebol, não vou entrar em detalhes, não sei com profundidade porque a CBF está discutindo a respeito da posição deles aí... Agora quando você vai falar de futebol, o cara que vende aí, o chá mate aí... nas arquibancadas, não vai vender mais, o cara que toma conta lá fora de

carro, não vai tomar conta mais disso.

Atentamos, na referida SD, para o sintagma nominal uma histeria, pois seria diferente se o sujeito tivesse dito apenas histeria ou muita histeria, por exemplo. O artigo indefinido, nesse caso, produz uma particularização da histeria, isto é, não é qualquer uma ou é uma em específico. Logo, o que esse sintagma designa também sofre os efeitos dessa particularização. Se considerarmos as condições de produção do enunciado – ou seja, o surgimento da pandemia, a qual começava rapidamente a se espalhar por todo o país, o que pode ser constatado pelo alto número de rumores e suspeitas no início de março de 2020 e, posteriormente, confirmações entre o fim de março e começo de abril, bem como os protocolos referentes às medidas preventivas, que já recomendavam o isolamento e não aglomeração –, entendemos que o sintagma uma histeria reproduz saberes de uma formação discursiva com a qual aqueles que valorizam a vida em detrimento da economia não se identificam.

Se considerássemos uma substituição no nível linguístico, que levasse em conta as mesmas condições de produção citadas acima, como, por exemplo, tá havendo uma mentira ou uma traição, teríamos como mentirosos a mídia, que, baseada nos protocolos do Ministério da Saúde e nas experiências de outros países, foi responsável por fazer circular saberes científicos acerca do vírus, mesmo que, naquela época, ainda se soubesse pouco sobre ele. Desse modo, também teríamos a ciência como mentirosa, enganadora ou manipuladora, o que evidenciaria a posição anticientífica sustentada pelo sujeito.

A relação da infraestrutura com a superestrutura ideológica é evidenciada pela referência ao cara do chá-mate, ao cara que toma conta dos carros fora dos estádios, tendo em vista que as diferentes classes econômicas representariam a infraestrutura, e esses caras, que ocupam um lugar economicamente desfavorável e de pouco prestígio no meio social, funcionariam como um forte argumento para a não adoção às me-

Ministro da Saúde, defendeu o isolamento social. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8444215/>>. Acesso em: 03/01/2022.

didadas preventivas, tomadas no âmbito superestrutural. Entendemos, com base na análise dessa sequência, que há uma aparente preocupação com a possibilidade de desemprego das pessoas que exercem tais funções, entre outras, como se o trabalho exercido por essas pessoas dependesse unicamente delas, sem o envolvimento do governo em garantir emprego e renda para pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. No entanto, não há uma preocupação com a possibilidade de essas pessoas contraírem o vírus e morrerem. Desse modo, o sujeito resgata do interdiscurso a memória de outras crises vivenciadas no país ou no mundo, o que evidencia o funcionamento da memória discursiva ligada à formação discursiva com a qual se identifica.

O próximo enunciado está relacionado com a SD1-E1, a qual defende a instituição de algumas medidas, as quais devem ter como pressuposto a estabilidade financeira (SD4-E1), o que implicaria no não fechamento do comércio:

SD6-E3: Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos quase contra tudo e contra todos.

Nessa sequência discursiva, pânico está em relação parafrástica com histeria, bem como neurose (SD1-E1). Naquele momento faz referência aos primeiros dias do mês de março, mais especificamente ao dia 11 de março, quando da declaração oficial do surgimento de uma pandemia. Com isso, muitas pessoas começaram a temer por suas vidas, diante de uma ameaça até então desconhecida. Assim, a designação histeria, para Bolsonaro, funciona designando o comportamento preventivo dos brasileiros frente à ameaça da doença. Nesse sentido, podemos citar, como exemplo, o discurso do Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, pois, baseado em evidências científicas oriundas do Brasil e de outros países, na mesma época, fazia referência a dados sobre o cenário pandêmico e algumas projeções sobre a disseminação do vírus no Brasil, reconhecendo os meses de maio e junho

como meses possíveis para a ocorrência de uma elevação alta no número de casos no país.

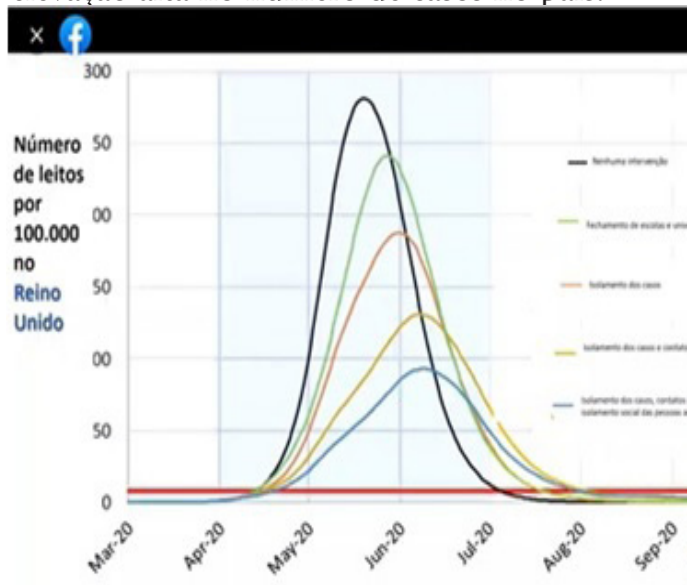


Imagem 01- Projeção sobre a disseminação do vírus 11

Como é possível observar na imagem acima, as projeções sobre os dados a respeito dos números de leitos, no Reino Unido, em 19 de março de 2020, eram alarmantes, mas, ao mesmo tempo, apontavam medidas que poderiam ser adotadas a fim de minimizar o contágio, no Brasil, onde os casos ainda estavam no início da transmissão. Soma-se a isso a falta de maiores informações sobre o novo vírus, o que contribuiu para que muitas pessoas ficassem apreensivas e para a adoção de medidas mais rígidas por parte de algumas esferas do governo.

Outro aspecto que deve ser mencionado diz respeito ao pronunciamento oficial (Episódio 3), que foi realizado no final do mês de março de 2020, pelo presidente. Sendo assim, entendemos que a designação histeria está relacionada com os eventos anteriores, os quais já tinham sido objeto de discurso do Presidente da República (“Mas o que tínhamos que conter naquele momento, era o pânico, a histeria...”). Logo, podemos fazer um paralelo com o enunciado do dia 15 de março (SD1-E1) e o do dia 16 de março (SD5-E2), em entrevista para a

11 O print foi feito de uma live transmitida ao vivo pelo Ministério da Saúde no dia 19 de março de 2020. Disponível em: <https://fb.watch/auT7_CJ2Ki/>. Acesso em: 10/01/2021.

CNN e ao Datena, a fim de compreendermos outros sentidos possíveis de emergir dos dizeres do presidente. Retomamos, abaixo, as duas sequências referidas:

SD1-E1: Devemos respeitar, tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo.

SD5-E2: Tudo continua funcionando no Brasil. Tudo. Tá havendo uma histeria. Se você acaba com (), quando você proíbe em jogos de futebol, não vou entrar em detalhes, não sei com profundidade porque a CBF está discutindo a respeito da posição deles aí... Agora quando você vai falar de futebol, o cara que vende aí, o chá mate aí... nas arquibancadas, não vai vender mais, o cara que toma conta lá fora de carro, não vai tomar conta mais disso.

Interessa observar que, tanto na SD1-E1 quanto na SD5-E2, há a presença do artigo indefinido *uma*, sendo que já vimos que uma neurose e uma histeria estão em uma relação parafrástica. Além disso, vale lembrar que as condições de produção do discurso são as mesmas, o que faz com que os efeitos de sentidos sejam semelhantes. Entretanto, enquanto na SD1-E1 o sujeito se refere à entrada em uma neurose, dando a ideia de que algo poderia acontecer, na SD5-E2 algo já está acontecendo, pois “tá havendo uma histeria”. Isso pode ser explicado pelas inúmeras reações presentes na mídia no que se refere à postura do presidente, entre os dias 15 e 16 de março, tendo em vista que designação a histeria já havia sido empregada anteriormente por ele¹². Com isso, podemos passar para a SD6-E3, na qual a histeria é tratada como algo que já teria ficado no passado, pois os verbos tinhamos e ser, no pretérito imperfeito, permitem

essa interpretação.

Para entendermos o funcionamento dos verbos no pretérito, nesse enunciado, é imprescindível considerarmos que, no dia 15 de março, o presidente havia se encontrado com os seus apoiadores, prática que, com o advento da pandemia, passou a ser designada como aglomeração pelo Ministério da Saúde. É dizer que essa medida de evitar aglomerações passou a ser designada, com base na forma como o sujeito se relaciona com a ideologia, como histeria. Contudo, não é apenas essa medida que é tratada assim, mas as outras, como, também, o fechamento do comércio (SD3-E1 e SD4-E1). Nesse sentido, importa observar que são os saberes científicos que estão sendo negados e designados dessa forma, sendo que o emprego, em excesso, da designação histeria, é uma das formas materiais de fazer referência aos saberes científicos encontrada no corpus, pois quando tais saberes não são silenciados, emergem como aquilo que deriva de uma patologia, do absurdo ou anormal. Diante disso, passaremos para a análise da nossa próxima sequência:

SD7-E3: O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país.

Na sequência acima, a designação histeria surge de uma forma diferente do que vínhamos observando, pois não é apenas uma histeria, mas uma verdadeira histeria. O termo verdadeira funciona qualificando a designação histeria, da mesma forma que dá mais ênfase a esse processo de designação. Devemos atentar para a possibilidade de substituirmos essa estrutura linguística por uma paráfrase, a fim de compreendermos os sentidos que aí estão sendo ditos. Dessa forma, uma verdadeira histeria poderia ser substituída por uma real histeria ou uma grande histeria, de modo que os terroristas seriam os mesmos agressores da sequência discursiva.

Isso confirma que um discurso está em relação com outro, pois todos aqueles que não estão em acordo com o sujeito-enunciador são concebidos como agressores, terroristas e histé-

12 Como exemplo, citamos uma matéria do Correio Brasileiro, datada do dia 15 do mês de março. A matéria referente à entrevista concedida pelo presidente estava disponível nos diferentes meios de comunicação no dia 15 de março. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/15/interna_politica,834482/em-entrevista-bolsonaro-critica-histeria-pelo-coronavirus.shtml> Acesso em: 10/01/2022.

ricos, sendo que esses termos formam uma família parafrástica significada a partir da formação discursiva de identificação do sujeito-enunciador. Na formação discursiva médico-científica, que está em contradição ideológica com a FD aqui designada como FD de extrema direita – em acordo com Ernst, Silva e Vieira (2019) –, podemos encontrar esses agressores, terroristas e históricos sendo designados como responsáveis, sensatos, conscientes ou preservadores da vida.

Passaremos, agora, para a análise da nossa última sequência discursiva:

SD8-E3: Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo pra ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos.

Nesse enunciado, temos a inserção de uma conjunção alternativa ou em sem pânico ou histeria, o que poderia nos levar à compreensão de que pânico e histeria assumiriam sentidos distintos, tendo em vista a utilização dessa conjunção que, segundo a tradição gramatical, tem o sentido de alternância entre dois termos, como, por exemplo, no enunciado Ou você faz isso ou não será recompensado. No entanto, devemos recordar Pêcheux ([1975] 2014) que, ao discorrer sobre a evidência do sujeito, o faz em relação ao sentido também. Tanto o sujeito quanto o sentido são construídos conjuntamente, não existindo sentido preso às palavras, mas dependente das condições de produção. Isso vale para palavras, expressões e proposições, independentemente da categoria gramatical na qual as palavras possam ser referidas conforme a tradição gramatical.

O verbo vencer em venceremos o vírus, segundo o dicionário Dicio¹³, pode ser utilizado como sinônimo de dominar, obter vitória, triunfar, bem como é comumente utilizado em enunciados que se referem a um confronto, como, por exemplo, em: vencer o adversário.

13 Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/vencer/>>. Acesso em 01/05/2022.

Em um primeiro momento, poderíamos imaginar que o sujeito estaria designando o vírus como adversário, o que é logo refutado pela inserção de uma oração coordenada sindética aditiva (e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação). Sendo assim, há um antigo Brasil e um novo Brasil, sendo que, nesse novo Brasil, não haveria lugar para histeria (SD1-E1, SD4-E1 e SD6-E2). Entendemos que existe um imaginário do “Brasil ideal” por parte do presidente e daqueles que o apoiam, onde a valorização da ciência, da vida em detrimento da economia e de saberes dos opositores do presidente não devem ter lugar.

Assim, quem se orgulhará desse novo Brasil são aqueles que, dispondo de um grande capital ou dos meios de produção econômica, fazem circular saberes como: um comprimido resolve, a indústria farmacêutica possui todos os medicamentos necessários para combater essa nova gripe. Dessa forma, a indústria farmacêutica começou a gerar lucros¹⁴, sendo que podemos citar, como exemplo, “o KitCovid” que, mesmo sem comprovação científica, passou a ser defendido pelos representantes do alto escalão do governo. Posto isso, nos dirigimos para as nossas considerações finais acerca da designação histeria, com base em um texto de Pêcheux (2008).

No texto, “O Discurso: estrutura ou acontecimento”, o autor empreende uma análise sobre a expressão francesa “On a gagné” (ganhamos) quando utilizada no dia 10 de maio de 1981, em decorrência da eleição de François Mitterrand para Presidente da República Francesa. O enunciado analisado, segundo o autor, provém do campo esportivo e é deslocado para o campo político, de forma que mantém a me-

14 Em abril de 2021, foi publicada uma matéria pelo jornal El País, na qual é exposto que farmácias venderam mais de 52 milhões de comprimidos do “kitCovid” de março de 2020 a março de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-21/farmacias-venderam-mais-de-52-milhoes-de-comprimidos-do-kit-covid-na-pandemia.html>>. Acesso em: 15/01/2022.

lodia específica e constitutiva do grito coletivo dos torcedores de uma partida de futebol. Nesse sentido, “On a gagné” passou a designar um acontecimento histórico: a ascensão da esquerda ao poder na França e a derrocada da direita.

A referência aos estudos de Pêcheux nos mostra que a designação *histeria* não parece sofrer um deslizamento de sentidos, quando deslocada do campo médico-científico para o político, exceto se considerarmos a SD5-E2 (“Tudo continua funcionando no Brasil. Tudo. Tá havendo uma *histeria*. Se você acaba com (), quando você proíbe em jogos de futebol, não vou entrar em detalhes, não sei com profundidade porque a CBF está discutindo a respeito da posição deles aí... Agora quando você vai falar de futebol, o cara que vende aí, o chá mate aí... nas arquibancadas, não vai vender mais, o cara que toma conta lá fora de carro, não vai tomar conta mais disso”). Nesse caso, ao substituímos tá havendo uma *histeria* por tá havendo uma mentira/traição, teríamos o que Pêcheux ([1997] 1969) designou como um efeito metafórico:

Chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos ‘naturais’, por oposição aos códigos e às línguas ‘línguas artificiais’, em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua ‘natural’: em outros termos, um sistema ‘natural’ não comporta uma metalíngua a partir da qual seus termos poderiam se definir: ele é por si mesmo sua própria metalíngua (PÊCHEUX, [1969] 1997, p. 96, grifos do autor).

O efeito metafórico ao qual o autor se refere produz um deslizamento de sentido como no caso da substituição de *histeria* por *traição* ou *mentira* na análise da SD5-E2. Esse deslizamento, como vimos, em certas condições de produção, significa de uma determinada forma.

Podemos concluir, a partir da análise da designação *histeria*, que fica evidenciado o “efeito de simulação” presente na construção da imagem do presidente, pois um presidente democrático e que se importa com o seu povo não poderia designar as medidas que protegem esse mesmo povo como uma *histeria*, em prol da economia. Com isso, é possível observar que, ao se opor a certas instâncias do governo como o Ministério da Saúde, atacando as medidas implementadas por essa instância, o sujeito se inscreve em uma formação discursiva de extrema direita, que também poderíamos entender como *protofascista*.

O prefixo *proto* exprime a noção de “primeiro, algo que é anterior”¹⁵. Assim, a palavra “*protofascismo*” designaria o período que precede o fascismo, ou, ainda, um processo de *fascistização*, conforme expõe Fontes (2019). Com o objetivo de explicitar mais sobre esse processo, teceremos algumas considerações dessa última pesquisadora sobre o *protofascismo*:

Sabemos que há enorme diferença entre um presidente eleito com discurso fascista, a disseminação de práticas de *cunho fascista* e a institucionalização de um regime fascista. Não necessariamente o primeiro caso leva ao último, e espero que não. Tampouco é sensato não debruçar-se sobre os sinais que indicam traços de *fascistização* que já vem ocorrendo, pois parece haver gravidade suficiente no que se pode observar, desde o ponto de vista do reordenamento do Estado brasileiro pelo governo Bolsonaro. Está em curso um redesenho constitucional e institucional, realizado tanto por meio de Emendas Constitucionais, Medidas Provisórias, Decretos, leis, além de subterfúgios administrativos. Este ensaio propõe uma primeira interpretação – sujeita a debates – sobre a reconfiguração em curso do formato institucional do Executivo brasileiro e algumas de suas consequências (FONTES, 2019, n.p).

A citação acima evidencia que a *Constituição brasileira* parece estar sofrendo ataques

15 Alguns exemplos de palavras com o prefixo “*proto*” estão disponíveis em: <<https://dicionario.priberam.org/proto>>. Acesso em: 10/01/2022.

por parte de algumas esferas do governo, o que pode culminar em consequências nos mais diversos setores, como, por exemplo, na saúde. Contudo, é necessário trazeremos mais uma reflexão, a fim de entendermos o período que nós, brasileiros, estamos vivendo. Para isso, apresentamos um texto de Lyra (2020). Nele, o autor expõe as diferenças sobre o protofascismo e o nazi-fascismo, conforme é possível observar na citação abaixo:

Denomina-se protofascismo determinados aspectos sociais, políticos e ideológicos do nazi-fascismo, que podem estar presentes, parcialmente ou na sua plenitude, conforme a situação política, inclusive na atualidade, e no Brasil. Advirta-se que o nazismo, na Alemanha, o fascismo, na Itália e o protofascismo alimentado pelo governo de extrema direita no Brasil somente se tornaram realidade em virtude do apoio decisivo – inicialmente reticente, depois entusiástico – que receberam do capital financeiro e dos políticos que representam os seus interesses, com o respaldo dos militares (LYRA, 2020, np).

O valor exagerado, atribuído ao capital, é uma das fortes características de regimes que possuem características fascistas e, como vimos, esse exagero ficou evidente nas análises realizadas, pois a condição para a implementação de alguma medida contra o novo vírus era a manutenção da economia. Contudo, diante da eminente ameaça contra a vida dos brasileiros, o recomendado era a adoção de medidas mais restritivas. Além disso, o autor acrescenta outras características do protofascismo, ao expor que o atual Presidente da República, capitão reformado, “[...] compartilha com os nazi-fascistas um anticomunismo visceral. Mas sua retórica confere máxima ênfase a uma visão conservadora da família e da pátria, que pretende restaurar, associando-a à exaltação de valores religiosos, o que lhe garante sólida base de sustentação, sobretudo entre os evangélicos” (LYRA, 2020, n.p.). Essa citação coloca em evidência outras características de regimes com características fascistas,

como o protofascismo. Os “valores religiosos” e o patriotismo são pontos importantes de serem observados no protofascismo. Tudo o que parece estar associado aos governos que precederam o atual (com exceção da ditadura militar) é significado como histeria.

Acreditamos ter evidenciado que o termo histeria, ao funcionar como designação, pode fazer parte de diferentes processos discursivos, sendo que, historicamente, foi utilizado pelo discurso médico-científico para fazer referência a uma patologia feminina. Contudo, ao ser deslocado para o discurso político protofascista sobre a saúde, conforme ficou exposto, esse termo sofre um deslizamento de sentidos, sendo que a sua associação a uma doença é mantida como forma de garantir a defesa da economia.

Considerações finais

Com o desenvolvimento teórico-analítico aqui empreendido, ao analisarmos o funcionamento da designação histeria, nos dizeres de Jair Bolsonaro, durante manifestações ocorridas no mês de março de 2020, chegamos à configuração de uma formação discursiva de extrema direita, também chamada de formação discursiva protofascista, pela qual ocorre a formulação dos enunciados proferidos pelo presidente. Tais enunciados colocam em circulação saberes que defendem a base econômica da nossa formação social aliados à violência de gênero.

Considerando o aspecto histórico da designação, reconhecida como referente a uma patologia que acometia, prioritariamente, mulheres, parece que esse funcionamento é determinante para a recorrência do termo, visto que o discurso de extrema direita também se embasa na opressão das mulheres para manter-se como discurso dominante. Os saberes de opressão das mulheres encontram a designação histeria como um lugar possível para ridicularizar a prática de medidas preventivas de propagação do vírus, como se fosse algo relacionado ao feminino, à loucura, à perda de controle, que esse discurso

reconhece como associadas às mulheres. Assim, compreender como a representação do gênero feminino acontece a partir dessa configuração discursiva nos ajuda a compreender o funcionamento da designação na forma como o sujeito-enunciador a mobiliza para fazer referência à situação da pandemia no país.

Assim, compreendemos que o sujeito-enunciador se identifica com essa formação discursiva, e isso se manifesta a partir da língua, tanto em seu funcionamento sintático, conforme foi rapidamente abordado nas análises, quanto em seu funcionamento designativo, o qual ganhou destaque na presente análise. A identificação com a formação discursiva de extrema direita permite que empregue tal designação, em referência a uma patologia anteriormente tida como unicamente feminina, para defender a economia em detrimento da saúde dos cidadãos. Além disso, quando se calca a economia para se posicionar, também faz circular saberes anticientíficos, os quais negam os dados que configuram as medidas de prevenção da propagação do vírus como necessárias para a segurança sanitária da população brasileira.

Referências

- ARAUJO, Stefanne Emily Sousa. Sufixos-ismo e (i)dade: semântica e produtividade. 2012. 38 f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.
- ERNST, Aracy Graça. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição do corpus discursivo. In: Anais do IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 4. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- ERNST, Aracy Graça; SILVA, Gabriela de Mello; VIEIRA, Vivian. “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 08:32): simulacro no discurso político online. Cadernos de Letras da Universidade Federal de Fluminense, v. 30, n° 59, p. 115-132, 2019.
- FONTES, Virgínia. O protofascismo - arranjo institucional e policialização da existência. Revista Marxismo 21, 2019. Disponível em: <<https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2017/05/Virg%C3%ADnia-Fontes-O-protofascismo-%E2%80%93-arranjo-institucional-e-policializa%C3%A7%C3%A3o-da-exist%C3%A2ncia.pdf>>. Acesso em: 10/01/2022.
- GUADANINI, Sandra Magna. Designação: das categorias da língua às categorias do discurso. 2010. 216 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras de Santa Maria, n° 26, p. 53-62, 2003.
- INDURSKY, Freda. O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST: uma questão de lugar-fronteira. Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, v. 1, n° 12, p. 111-131, 2002.
- INDURSKY, Freda. A emergência do sujeito desejante no discurso do MST. Revista Gragoatá, v. 18, n° 34, p. 27-38, 2013.
- LYRA, Rubens Pinto. O protofascismo brasileiro. Mar, 2020. Disponível em: <https://aterra-eredonda.com.br/o-protofascismo-brasileiro/?doing_wp_cron=1642687718.9696240425109863281250>. Acesso em: 20/01/2022.
- MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). 1996. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. 5.ed. Campinas: Pontes, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma

crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi [et al]. 5.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, [1975] 2014.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia Mariani [et al]. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-162.

SOUZA, Mariana Jantsch de. Golpe/Impeachment - Uma Análise Discursiva sobre a Significação do Mesmo. Cadernos do Instituto de Letras, n° 56, p. 257-272, 2018.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. Identidades (In) formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. Organon, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 17, n° 35, 2003.

Submissão: maio de 2022.

Aceite: agosto de 2022.